Editorial

Ao publicar artigos que discutam temáticas das políticas de subjetivação, cognição e tecnológicas da sociedade contemporânea, a *Polis e Psique*, tem assumido junto aos seus leitores e colaboradores um compromisso ético, político e estético que questiona e analisa os processos que constituem a vida conformada, regrada, e determinada que se apresenta nos dias atuais. Um compromisso ético porque acredita no reconhecimento do outro e no acolhimento dos diferentes modos de viver, sentir e estar na vida. Político, porque nos envolve neste compromisso coletivo de “estar com”, potencializando os encontros – entre leitores, editores, colaboradores e entre tantas pessoas que fazem parte das experiências aqui narradas e analisadas.

E, ainda, o compromisso estético porque busca trazer nesse espaço, num contexto repleto de amarras e ideias instituídas, as relações e encontros que produzem inúmeras invenções cotidianamente. Essas três dimensões – ética, política e estética – estão articuladas de forma profícua nos dez artigos e dois relatos de experiência que apresentamos nesse segundo número de 2013 da *Polis e Psique*. Arriscamos dizer que a dimensão estética, enquanto criação, invenção e construção de novos modos de olhar, experimentar e viver nossas práticas é o fio condutor dessa publicação.

Abrindo a seção de artigos, Ana Maria Szapiro, em “Do Humano e da Técnica: Por uma Clínica da Pós-modernidade”, examina os efeitos sobre o sujeito e sobre o fazer na sociedade, causados pela hegemonia da racionalidade tecnocientífica no contexto do ideário liberal das sociedades contemporâneas. Ao propor uma clínica da pós-modernidade, a autora destaca a emergência de um olhar objetivante sobre a condição humana, olhar que subtrai a singularidade que a constitui como ser da linguagem e da cultura. No segundo texto, elaborado por Dolores Galindo e Ricardo Pimentel Mello encontramos uma discussão sobre o processo de hormonização diferenciando-se da hormonoterapia ressaltando principalmente os efeitos tanto de resistência a um determinado modo clínico-patologizante das práticas instituídas em saúde, como pelos efeitos advindos por uma escolha de se colocar na vida em modos não prescritos e afiançados pela moral vigente. Fazendo uso dos conceitos de biopolítica, governamentalidade e regimes de verdade, Gisele Santin e Betina Hillesheim apresentam uma genealogia da formação em saúde no Brasil, enfatizando o campo de forças que permitiu a constituição da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde enquanto política pública orientadora da formação e ordenação dos recursos humanos para a área da saúde. O artigo apresenta as condições históricas que possibilitaram a constituição dessa Política, discutindo os jogos de verdade que a produzem e são produzidos pela mesma e seus efeitos sobre a formação dos trabalhadores da saúde.

No artigo “Especialistas psi em ação: distribuição de expertises num reality show”, Cristiane Moreira da Silva e Marcia Moraes, inspiradas em Latour e Despret, discutem a articulação entre as práticas dos especialistas psis e as modulações da intimidade a partir da sua exposição na mídia através do blog de um programa de televisão, no formato de reality show. Para tal, foram analisados comentários dos seguidores do blog e de cinco entrevistas com participantes do programa. No quarto artigo deste número, Rosana Onocko Campos e Luciana Surjus problematizam a interface entre os campos Deficiência Intelectual e Saúde Mental, ainda subestimado no Brasil. Situando-se na perspectiva da pesquisa qualitativa e participativa, a partir da Hermenêutica Filosófica, as autoras resgatam as tradições teóricas constitutivas desses dois campos e buscam compreender como tem se dado esta interface no cotidiano dos serviços, a fim de contribuir com a qualificação das ações e da construção de Políticas Públicas.

Uma conexão crítica entre o território escolar e o filme *Pinocchio*, de Roberto Begnini, é o tema do ensaio produzido por Katia Faria de Aguiar e Vanessa Monteiro da Silva. Ao trazer a potência do cômico na interpelação de situações-problema, as autoras pensam os signos de resistência que emergem dos encontros entre alunos travessos e as pequenas mortificações sob forma de conservadorismos morais que atravessam o cotidiano escolar e nossas intervenções. O ensaio é uma aposta no fortalecimento da potência inventiva, provocando novos sentidos para os encontros entre práticas educativas e meninos travessos. Na esteira de uma potência inventiva, Lilian Hack, Édio Raniere e Cleci Maraschin, no artigo “Entrevistarte: experiência, arte e contemporaneidade”, exploram ressonâncias entre arte e psicologia. A aposta dos autores é de que a Entrevista de Explicitação seja uma importante contribuição às pesquisas em arte. Afinal, questionam os autores, o que aconteceria se à entrevista coubesse cartografar o processo de criação, ou se, em meio às investigações, o crítico mantivesse sua escuta atenta ao Know How – saber como – enunciado pelo artista?

No artigo “Biopoder e práticas reguladoras do uso de drogas no Brasil: Algumas análises de projetos de lei”, Artur Couto, Flavia Lemos e Mariane Couto analisam a prática do biopoder acionada pela internação compulsória de usuários de drogas e pelas propostas de projeto de lei referentes a essa maneira de governar os corpos e segmentos da população. Conforme os autores, operar a crítica à medicalização e à jurisdicionalização do cotidiano no plano do uso de substâncias legais e ilegais implica em trazer para o campo analítico um analisador acerca da política de subjetivação no tempo presente em que vivemos.

Buscando referências de análise no pensamento de Spinoza, Cristina Rauter discute o medo do crime no cenário brasileiro abordando a articulação entre afetos humanos como cons-

tituintes da multidão e uma possível implicação com dispositivos de controle sociais contemporâneos. E no décimo artigo, Jefferson Reishoffer e Pedro Paulo Bicalho colocam em análise os projetos de Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) e do Sistema Penitenciário Federal do Brasil (SPF), tomando-os como dispositivos que emergem na adoção definitiva da lógica penal neoliberal configurada como a nova administração da pobreza. Ao compreender os dois projetos – o RDD e o SPF - como efeitos de uma mesma racionalidade penal, os autores indicam que a medida e o aparelhamento de políticas penitenciárias de exceção que neutralizam e segregam determinados presos, fornecendo contornos atuais à noção de “alta periculosidade”, acabam autorizando, em nome da “defesa social” e da “disciplina carcerária”, a adoção de medidas de recrudescimento disciplinar a partir de regimes de máximo confinamento e mínima concessão de direitos e garantias.

Os dois últimos artigos deste número compõem a seção “relatos de experiência”. Em “Trabalho Penitenciário – Saúde – Formação: A Comunidade Ampliada de Pesquisa como Dispositivo”, Fernanda Amador, Dafni de Melo, Lucas Bueno, Sandra Correia, Simone Reginato e Christyanne Alves relatam aspectos da experiência de extensão e pesquisa que estão desenvolvendo na parceria entre a UFRGS e a SUSEPE, visando a uma articulação na tríade Trabalho – Saúde – Formação com o sistema prisional. Iacã Macerata, por sua vez, apresenta e discorre acerca da experiência do projeto “Saúde em Movimento nas Ruas”, também conhecido como ESF POP RUA. Na experiência contada a partir da ótica do gerente técnico da equipe (em seu primeiro ano de implementação), o autor destaca que, desde sua implementação, o serviço vem se constituindo como uma referência em saúde pública para população em situação de rua nas redes de políticas públicas na cidade do Rio de Janeiro.

É, portanto, na esteira de um pensamento criativo, inventivo e aberto a novas experiências que mais uma vez agradecemos a todos os autores que nos prestigiaram com suas questionadoras produções textuais, que nos remetem à potência criadora de nossas práticas e ao nosso compromisso ético, político e estético. Agradecemos também a todos os colaboradores que gentilmente se disponibilizaram para analisar e avaliar os textos a eles submetidos.

Uma boa leitura a todos!

Neuza Guareschi – Editora

Moises Romanini

Zuleika K. Gonzales

Editores Assistentes